

Brasília-DF



DENISE ROTHENBURG
deniserothenburg.df@dabr.com.br

Onde mora o perigo

Os petistas acompanham com lupa as pesquisas desta semana. Eles avaliam que, na amostra do Ipspe, Bolsonaro apresentou poder de fôlego. E, nesse sentido, se o Auxílio Brasil obtiver efeito sobre o eleitorado, vai dar ao presidente-candidato uma vantagem justamente entre os mais pobres, segmento em que Lula lidera com folga.

Até aqui, eleitor "descasou" eleição

Ao que tudo indica, o eleitor não está vinculando a eleição presidencial à estadual. Até aqui, na Bahia, Lula lidera, mas seu candidato a governador, Jerônimo Rodrigues, não. A mesma situação se repete em Minas Gerais, em Pernambuco e no Rio de Janeiro.

O fator Michelle

O ingresso da primeira-dama Michelle Bolsonaro na campanha presidencial foi visto como "uma bênção" pelos coordenadores políticos de Bolsonaro. Uma parte estava preocupada, porque ela, embora participe de alguns atos, ia falar de improviso. A aposta é que, se Michelle conseguir atrair uma parte do eleitorado feminino, Lula perderá a vantagem que tem hoje.

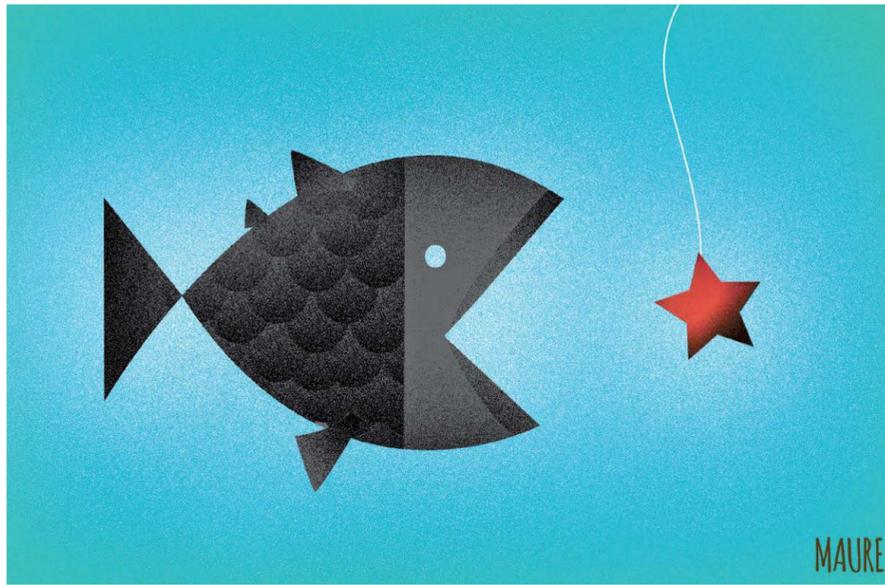
Ajudinha

Ao não dar prosseguimento a denúncias contra o presidente Jair Bolsonaro, a Procuradoria-Geral da República dá ao candidato à reeleição o discurso de que os pedidos não passaram de "perseguição", tanto é que foram arquivados. É por aí que o PL tratará desse tema.

O último esforço para amarrar aliados

PT e Lula estão dedicados a evitar a profusão de candidaturas de centro e, assim, ampliar as chances de vitória no primeiro turno. O alvo da vez é Simone Tebet (MDB). É nesse sentido que o senador Renan Calheiros (MDB-AL) ajudou a promover a ação judicial contra a convenção que escolherá a senadora candidata, amanhã, embora não assine o pedido. A ação de Renan, porém, carece de apoios dentro do diretório nacional, que tirou o pé do acelerador no esforço pró-Lula depois das críticas diretas de Dilma Rousseff a Michel Temer. A tendência, se a Justiça não interceder, é a candidatura de Tebet ser homologada esta semana e se tornar mais uma pedra contra a decisão da eleição no primeiro turno.

Embora se preparem para dois turnos, PT e Lula agem desde o início do ano para tentar fechar a eleição no turno inicial. Primeiro, Lula atraiu os partidos de esquerda, PSol, Rede, PV, PCdoB. Restou o PDT, que manteve a candidatura de Ciro Gomes e, inclusive, já realizou a sua convenção. O segundo movimento foi em direção ao centro: atraiu Geraldo Alckmin para vice na chapa e evitou a busca de uma candidatura do PSB ao Planalto. Agora, restam o MDB e o PSD de Gilberto Kassab, que se manterá neutro no primeiro turno da sucessão presidencial. Embora muitos políticos acreditem que Lula pode vencer a eleição, a aposta geral é de que todos os fatores ainda não estão colocados e, diante dessa constatação, a eleição está em aberto.



CURTIDAS

Veio a calhar.../ A reunião da 15ª Conferência de ministros da Defesa das Américas, esta semana em Brasília, reforçará o compromisso com a democracia, na Carta de Brasília a ser divulgada quinta-feira.

... e amarrar/ O documento, segundo generais mais progressistas, tem tudo para ser lido como uma resposta das Forças Armadas a qualquer tentativa de desrespeito ao resultado das urnas em outubro.

Conta outra/ Em 2020, vários partidos fizeram convenções virtuais sem problemas. Por isso, o MDB acredita que está tudo certo para a manutenção da convenção que homologará Simone Tebet, amanhã.

Reprodução da Internet



A volta de Adélio/ A possibilidade de soltura de Adélio Bispo (foto) às vésperas de o atentado contra Jair Bolsonaro completar quatro anos é considerada pelos aliados do candidato do PL ao Planalto como uma provocação. Se Adélio for solto, será mais um ato que dará discurso para dizer que a vítima de violência nas eleições é o presidente.



Representantes de organizações da sociedade civil brasileira participam de encontros em Washington para alertar sobre a intensificação dos discursos de Bolsonaro contra a democracia e o sistema eleitoral do Brasil

Na busca de apoio dos EUA

» LUANA PATRIOLINO

Um grupo formado por 19 representantes de organizações da sociedade civil está em Washington, nos Estados Unidos, para alertar a comunidade internacional sobre a intensificação dos discursos do presidente Jair Bolsonaro (PL) contra o sistema eleitoral brasileiro e as instituições democráticas.

Os integrantes da comitiva iniciaram, ontem, uma série de encontros com autoridades e parlamentares que investigam a invasão do Capitólio por parte dos apoiadores do ex-presidente americano Donald Trump.

Entre os organizadores do movimento está o Pacto pela Democracia, uma coalizão de mais

de 200 entidades, como Todos Pela Educação, Fundação Tide Setubal, Instituto Ethos, Alana e outros.

Ao **Correio**, Flávia Pellegrino, coordenadora-executiva do Pacto, afirmou que a ida à capital americana faz parte de um conjunto de esforços em prol da democracia brasileira. "O Brasil está vivendo, há anos, um movimento de gravíssima recessão democrática e, agora, o que a gente está vendo é um processo de cunho golpista efetivamente em curso. Não são bravatas apenas, não são especulações", ressaltou. "Passo a passo, Bolsonaro está preparando o terreno para desacreditar o nosso sistema eleitoral, para tumultuar as eleições e criar pretextos para

desrespeitar o resultado das urnas, se não for favorável a ele."

Também integram a comitiva o ex-ministro dos Direitos Humanos Paulo Vannuchi, membro da Comissão Arns; Anielle Franco, diretora do instituto que leva o nome da irmã, Marielle Franco — vereadora do Rio assassinada em 2018; representantes de movimentos sociais, advogados e acadêmicos. O objetivo é obter apoio internacional contra o que chamam de plano golpista.

Reconhecimento

Pellegrino destacou a importância do respaldo de outros países na defesa do processo eleitoral brasileiro. "O reconhecimento

internacional vai ser imprescindível para isolar, ao máximo, qualquer tentativa de questionamento da escolha soberana da população brasileira", afirmou. "As agendas aqui são muito relevantes, porque elas vão nos dar a oportunidade de dialogar com atores internacionais e também sociais de um país que, recentemente, passou por episódios muito similares ao que a gente está vivendo hoje no Brasil", acrescentou, ao lembrar a invasão do Capitólio.

O encontro ocorre uma semana depois de Bolsonaro tentar desacreditar o sistema eleitoral numa reunião com embaixadores estrangeiros.

Ontem, o Supremo Tribunal Federal (STF) lançou uma

campanha contra a violência política. Nas redes sociais, a Corte divulgou um vídeo que reúne frases de ameaças, alertando que "discurso de ódio não é liberdade de opinião" e que a "liberdade de expressão não é liberdade para cometer crimes".

O material fez referência, também, ao recente caso do terapeuta Ivan Boa Pinto, preso pela Polícia Federal, na última sexta-feira, por ter ameaçado ministros do STF.

No domingo, na convenção do PL, Bolsonaro voltou a criticar magistrados da Corte e convocou apoiadores a irem às ruas, no 7 de Setembro, protestar contra "surdos de capa preta". (**Colaborou Rosana Hessel**)

» Manifesto pela democracia

Um variado grupo de empresários aderiu a uma carta em tom duro em defesa da democracia brasileira e do sistema eleitoral. Criado na Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo (USP), o documento circula desde a semana passada e tem ganhado assinaturas de peso no mundo empresarial e financeiro. Está previsto um ato no dia 11, em São Paulo, cuja pauta principal será a defesa do STF e da democracia.

Em evento no Brasil, a defesa do sistema eleitoral

Andre Pain/AFP



O secretário de Defesa dos Estados Unidos, Lloyd Austin (C), está confirmado na conferência

» ROSANA HESSEL

Após o vexame internacional da reunião do presidente Jair Bolsonaro (PL) com mais de 70 embaixadores, no último dia 18, quando criticou as urnas eletrônicas e ministros do Supremo Tribunal Federal (STF), o Ministério da Defesa realiza um evento com representantes de 34 países das Américas. Previsto para ocorrer, nesta semana, em Brasília, a XV Conferência de Ministros da Defesa das Américas (XV CMDA) é o principal fórum entre países das Américas no setor de defesa e segurança.

As eleições brasileiras e o papel das Forças Armadas para a pacificação da população polarizada dificilmente passarão ao largo. Os Estados Unidos, por exemplo, devem reforçar a confiança no sistema eleitoral

brasileiro, como fizeram em nota, após a reunião dos embaixadores, e no dia seguinte, por meio do porta-voz do Departamento de Estado norte-americano, Ned Price. Nas duas oportunidades, o governo Joe Biden classificou o sistema de votação do Brasil como "modelo para o mundo".

Na sexta-feira, os EUA confirmaram a presença do secretário de Defesa, Lloyd Austin, na conferência, que é realizada desde 1995. "As delegações discutirão sobre os desafios e as oportunidades regionais compartilhados em uma atmosfera de diálogo aberto e confiança mútua", destacou o comunicado do Pentágono. Fontes do governo norte-americano informaram que está bem clara a posição da Casa Branca sobre o sistema eleitoral brasileiro.

A nota do Pentágono

informou que Austin participará das discussões hemisféricas sobre dissuasão integrada; defesa cibernética; mulheres, paz e segurança; assistência humanitária; e resposta a desastres. Ele estará em vários encontros bilaterais. "Além disso, apoiará a afirmação do papel dos militares em uma sociedade democrática, incluindo o respeito às autoridades civis, processos democráticos e direitos humanos", diz.

Amanhã, haverá a Cerimônia Oficial de Abertura, de acordo com o Ministério da Defesa. "A reunião multilateral tem como principal finalidade promover o conhecimento recíproco, a análise, o debate e o intercâmbio de ideias e experiências no campo da defesa e da segurança", destacou a pasta. No fim do fórum, no dia 28, será assinada a Declaração de Brasília.